

## **A Compreensão Textual como Fator Interveniente na Retextualização do Discurso Direto em Discurso Indireto**

---

### **Text Comprehension as an Intervenient Factor in the Retextualization of the Direct Discourse into the Indirect**

*Rosany Aparecida Portugal\**

*Adriana da Silva\*\**

**RESUMO:** Neste trabalho, analisamos a influência exercida pela compreensão textual e os conhecimentos sobre o discurso relatado na reformulação ou retextualização do discurso direto para o discurso indireto. Consideramos os postulados da análise do discurso e da lingüística textual acerca do tema, para analisar oito produções textuais do PASES/UFV - 1ª etapa, triênio 2008-2010 - quanto à sua adequação à proposta de produção textual e quanto à relação estabelecida na transformação do discurso direto em indireto, durante o processo de retextualização. Ressaltamos, ainda, que as aulas de língua portuguesa devem ser pautadas nas atividades de leitura e produção, e o texto deve ser considerado como um evento sociocomunicativo. Percebemos a necessidade de se trabalhar em sala de aula com atividades de leitura, compreensão e produção textual, sem deixar de lado a relação leitor-escritor via texto, inseridos em um discurso.

---

\* Mestranda em Estudos Linguísticos, do Programa de pós-graduação da Universidade Federal de Viçosa.

\*\* Professora Doutora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa.

**PALAVRAS-CHAVE:** leitura; compreensão textual; discurso direto; discurso indireto; retextualização.

**ABSTRACT:** In this study, we analyze the influence of reading comprehension and knowledge about reported speech in the process of retextualization from direct to indirect speech. We consider the assumptions of discourse analysis and textual linguistics to examine eight writings produced during the first round of PASES / UFV - triennium 2008-2010 - as for their suitability to the proposed theme and the relationship established in the transformation from direct to indirect speech, during the retextualization process. We emphasize that the teaching of Portuguese must be based on reading and writing activities but the text should be regarded as a social and communicative event. We perceived the need to work with reading and writing activities in classroom, without putting aside, through the text, the reader-writer relationship inserted in a discourse.

**KEY WORDS:** reading; reading comprehension; direct speech; indirect speech; retextualization.

## 1 Introdução

É notória a dificuldade apresentada por alunos dos diversos níveis das esferas pública e privada, em processos seletivos, no que tange à produção textual. Podemos apontar alguns fatores intervenientes para o insucesso desses alunos nas avaliações das instituições federais de ensino, entre eles a não compreensão da proposta de produção textual ou do texto-base propriamente, bem como o desconhecimento de que o nosso discurso é entrecruzado pelas formações discursivas

presentes no nosso contexto sócio-discursivo, provenientes da interação verbal.

Além disso, podemos ressaltar que a produção textual é uma atividade relacionada à leitura. A leitura é uma atividade que requer do leitor não apenas habilidades linguísticas, como reconhecer palavras, estruturas sintáticas, sentidos de frases, mas também extralinguísticas, como acessar seus conhecimentos, estabelecer objetivos e expectativas, para construir uma unidade de sentido. As pesquisas em leitura e compreensão textual demonstram que há complexas interações entre leitor, texto e seus conhecimentos de mundo (CLARK, 1996; KOCH, 2002). Podemos acrescentar que também essa atividade depende da relação texto e discurso.

Dessa forma, o objetivo desse trabalho é fazer algumas considerações sobre a compreensão textual no processo de retextualização do discurso direto em discurso indireto, tendo como base as relações entre aspectos linguísticos, discursivos e textuais. Para tanto, o corpus para análise se compõe de oito textos aleatoriamente escolhidos, produzidos por candidatos ao PASES (Programa de Vestibular Parcelado da Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais) - 1ª etapa, triênio 2008-2010. Os textos foram analisados quanto à transposição do discurso direto para o discurso indireto, tendo como sustentação o conceito de compreensão textual na sua reformulação. Quanto aos aspectos metodológicos,

O percurso (...) trilhado por esta pesquisa com o fim de alcançar os objetivos inicialmente definidos encontra-se pautado em um enfoque qualitativo de investigação, uma vez que este tipo de pesquisa permite observar e descrever fenômenos, procurando compreendê-los e interpretá-los. (GONSALES, 2001, p. 66).

As produções textuais escolhidas foram identificadas por uma seqüência de letras do alfabeto, de **A** a **H**. Baseamos nossa análise na interpretação textual, tendo a Análise do Discurso e a Linguística Textual como bases teóricas e metodológicas. Analisamos as retextualizações a fim de verificarmos as relações entre os discursos direto e indireto.

## **2 Pressupostos teóricos**

### **2.1 Discurso relatado: a representação do outro**

Mainueneau (1997, p. 85) apresenta os discursos direto (DD) e indireto (DI) como as *manifestações mais clássicas da heterogeneidade enunciativa*, postulando serem ingenuamente pensados como opostos, uma vez que tradicionalmente se acredita que o DD é uma manifestação literal do que se pretendeu enunciar. Quanto a esse assunto, Bakhtin (2006) considera o caráter mais analítico do DI, observando *a impossibilidade de uma transposição mecânica do discurso direto para o indireto*, devido à impossibilidade de transformação dos aspectos emocionais e afetivos para uma forma indireta, que, por sua vez, é mais estável.

O compromisso com a verdade, bastante disseminado pelas gramáticas tradicionais, que permeia o campo da conceituação do DD nem sempre foi item considerável. Retomando o assunto, Medeiros (2003) faz um histórico a respeito das noções de verdade e simulação apresentadas pelas formas de discurso relatado antes e depois da gramática de Port-Royal. Resumidamente, a autora expõe que, até os gramáticos de Port-Royal afirmarem o contrário, o DI tinha compromisso com a verdade dos enunciados e a veiculava, por ser a forma adotada pela lei. Após a gramaticalização dos discursos direto e indireto, começou-se a pensar que este seria posterior àquele,

uma vez que o DD representaria o enunciado literal e o DI seria sua reestruturação. Essa forma, no entanto, de se pensar os discursos direto e indireto limitava a potencialidade do discurso relatado. Borges Gutierre (2005, p. 14) cita Authier-Revuz, quando ela afirma que,

do ponto de vista gramatical, no plano sintático, o DD apresenta funcionamento considerado “simples”, enquanto o DI é visto como uma variante morfossintática do DD, marcada pela subordinação; (...) No plano semântico-enunciativo, o DD é considerado “fiel”, “objetivo”, enquanto o DI representa a maneira como o narrador vê o fato (BORGES GUTIERRE, 2005, p. 14).

Entretanto, os conceitos de DD e DI para Authier-Revuz parecem bem mais complexos, pois os considera como formações discursivas, *dois modos radicalmente distintos de representação de um outro ato de enunciação* (BORGES GUTIERRE, 2005). Isso nos remete a entender que o DD é uma operação de citação, menos estável, por seu caráter irregular, enquanto o DI é uma reformulação, menos heterogênea do que o primeiro, por apresentar uma regularidade sintática. Vale também realçar a idéia já postulada por Bakhtin de que o sujeito está inserido num contexto determinado e, portanto, seu discurso é regido pelo fenômeno social da interação verbal (BAKHTIN, 1992). Para tanto, nosso discurso está impregnado de representações do outro, o que o torna polifônico, heterogêneo. Assim, considerar somente o aspecto gramatical na transposição do DD para o DI inibe a singularidade da adaptação semântica realizada pelo indivíduo quando este se apropria do discurso alheio para formar seus postulados, não anunciando a língua em uso, desconsiderando-a como uma atividade constitutiva (MARCUSCHI, 2008, p. 240). Como afirma Bakhtin (2006):

A transposição palavra por palavra, por procedimentos puramente gramaticais, de um esquema para outro (DD para

DI), sem fazer as modificações estilísticas correspondentes, é nada mais que um método escolar de exercícios gramaticais, pedagogicamente mau e inadmissível.

Dessa maneira, considerando o discurso heterogêneo, polifônico, portanto, entrecruzado pelo discurso do outro, não se pode considerar a retextualização de DD em DI puramente gramatical, como ensinam os livros didáticos, a exemplo de Cereja (2006, p. 38):

Na passagem do discurso direto para o discurso indireto, ocorrem alterações gramaticais importantes. Os verbos apresentados no presente do indicativo, por exemplo, passam para o pretérito imperfeito, os pronomes na 1ª pessoa são substituídos por pronomes da 3ª pessoa e torna-se necessária a utilização de um novo verbo, do tipo chamado *dicendi*, para introduzir a fala do locutor.

Podemos verificar a ênfase em ensinar mecanicamente a transformação entre as duas formas mais comuns do discurso relatado, DD em DI, importando-se apenas com os aspectos gramaticais, com as classes de palavras e os tempos verbais, sem considerar que, no relato do discurso do outro, por ser este mais analítico, como já afirmamos, o produtor do DI precisará, além de apresentar as formas corretas dos verbos e dos pronomes, buscar realçar as questões emocionais e afetivas expressas na formulação do DD. No entanto, o fator gramatical e o conhecimento de que nosso discurso é polifônico por natureza não são os únicos limitadores da reformulação do DD em DI. Observamos ainda a questão da compreensão do que se pretende desenvolver no ato dessa retextualização. Dessa maneira, apresentaremos algumas considerações sobre o assunto, para prosseguir à análise.

## **2.2 Compreensão textual**

O processo de leitura pressupõe a compreensão: ler e compreender são atividades equivalentes (MARCUSCHI, 2008, p. 239). Entender a leitura como processo sociointerativo é a base para a compreensão de que o sentido do texto é construído pelos sujeitos que agem sobre ele. Não se trata de decodificar palavras, extrair sentidos de determinado texto. Compreender requer estratégias de seleção, inferenciação, referenciação, antecipação, pressuposição, ativação de conhecimento prévio, o que determinará a construção dos sentidos que um texto carrega.

Kock e Elias (2007, p. 24) sugerem alguns fatores de compreensão da leitura: conhecimento dos elementos linguísticos, esquemas cognitivos, bagagem cultural, circunstâncias em que o texto foi produzido. Esses fatores reforçam a ideia de que os sentidos do texto são construídos pelo leitor, bem como em função do contexto de produção e da situação discursiva. Quanto a esse assunto, Marcuschi (2008, p. 239) propõe que: (i) ler e compreender são atividades equivalentes; (ii) a compreensão do texto é um processo cognitivo; (iii) no processo de compreensão desenvolvemos atividades inferenciais; (iv) os conhecimentos prévios exercem uma influência muito grande na compreensão um texto; (v) compreender um texto não equivale a decodificar mensagem.

Existem outros fatores fundamentais no processo de compreensão textual: a noção de língua como atividade heterogênea, social, histórica, cognitiva, indeterminada, variável, interativa e situada (MARCUSCHI, 2008, p. 65), como forma de ação, como evento discursivo pelo qual podemos realizar as mais variadas atividades; o contexto, que tem papel fundamental e determinante na compreensão textual, uma vez que estabelece significações para os enunciados; e a

inferência, que merece atenção especial. Segundo Marcuschi (2008, p. 249):

As inferências na compreensão de texto são processos cognitivos nos quais os falantes ou ouvintes, partindo da informação textual e considerando o respectivo contexto, constroem uma nova representação semântica. (...) introduzem informações por vezes mais salientes que as do próprio texto.

Dessa maneira, pressupomos a inferência como fundamental na compreensão, uma vez que ela revela a leitura como processo de construção de sentidos, juntamente com os demais aspectos importantes na compreensão textual, por trazer à tona o não dito. Também é possível destacar a influência dos fatores extralinguísticos na compreensão textual, uma vez que, além dos aspectos linguísticos, o texto é influenciado por fatores sociais e cognitivos, representando, assim, uma *(re)construção do mundo*, por tratar-se de *uma entidade de comunicação e um artefato histórico* (MARCUSCHI, 2008, p. 72). A compreensão, portanto, é tida como processo, uma vez que seus sentidos se constroem por meio de variados fatores, que envolvem tanto o autor, quanto o leitor e o próprio texto. Como processo sociointeracional, a compreensão textual se dá por meio dos contextos linguístico e extralinguístico: o léxico, o uso de expressões próprias de determinado gênero ou grupo social interferem tanto quanto as inferências que se podem fazer a respeito do texto. O autor participa de determinada situação comunicativa quando escreve um texto, assim como o leitor quando o lê.

Entender a compreensão textual como processo requer observar que ela não é uma atividade precisa, definida, da qual serão extraídos significados prontos e pré-determinados. Esse processo é construído por meio de estratégias de compreensão, o que nos permite entender que é também flexível quanto aos significados que um texto pode assumir. Mas isso não nos

permite admitir que qualquer significado é válido no ato da compreensão. Apesar das muitas leituras possíveis, o texto apresenta alguns fatores de textualidade que permitem a construção do sentido e a sua compreensão, por tratar-se de uma atividade colaborativa. Assim, três aspectos devem ser considerados: o lingüístico, o social e o cognitivo.

Considerando que a reformulação do DD em DI é um processo de retextualização, faz-se importante conceituar esse evento comunicativo. O processo de retextualização evidencia o funcionamento social da linguagem, porque todas as vezes que realizamos essa atividade reelaboramos o texto, inserindo uma nova forma de apresentação do tema abordado no texto base da retextualização.

### **3 Análise do corpus**

As oito produções textuais aleatoriamente escolhidas, dentre duzentas e cinquenta cedidas pela Comissão Permanente de Vestibular (COPEVE) da UFV, foram analisadas conforme a reformulação do discurso relatado, visando identificar as dificuldades de retextualização quando se ignora os construtos semânticos textuais. Cabe ressaltar que a proposta de produção textual, apresentada na íntegra em anexo, visava à reformulação dos discursos bem como a adaptação do conteúdo a um determinado nível: alunos de 6ª série. Observemos o enunciado:

Transforme o fragmento acima em um texto do tipo narrativo, em discurso indireto, para alunos de 6ª série, utilizando entre 20 e 25 linhas. **NÃO** produza uma cópia do texto. Se necessário, faça modificações na linguagem para se adequar ao seu interlocutor.

Ao destacar o trecho “NÃO produza uma cópia”, fica clara a ordem da atividade: os candidatos deveriam retextualizar o texto-base, o que pressupõe a transformação do trecho da peça teatral “A Megera Domada” em um texto do tipo narrativo, em discurso indireto, mas sem alterações no enredo. A atividade de retextualização proposta para essa produção textual tem como fundamentação a transformação de um texto em outro, seja do oral para o escrito, do escrito para o oral, do oral para o oral ou do escrito para o escrito (MARCUSCHI, 2001). Neste caso, a produção de texto pressupunha a transformação da modalidade escrita para a modalidade escrita, sendo a primeira em DD e a segunda em DI.

Verificamos que é significativa a preocupação com o contexto comunicativo no enunciado da atividade, pois há uma sugestão de adequação à linguagem do interlocutor. O verbo transformar antecipa uma das ordens do enunciado: *não produza uma cópia*. No entanto, essa prática foi claramente observada em muitas produções textuais; apesar de suprimidos alguns trechos dos diálogos, houve recorrência de cópias, como na produção textual A:

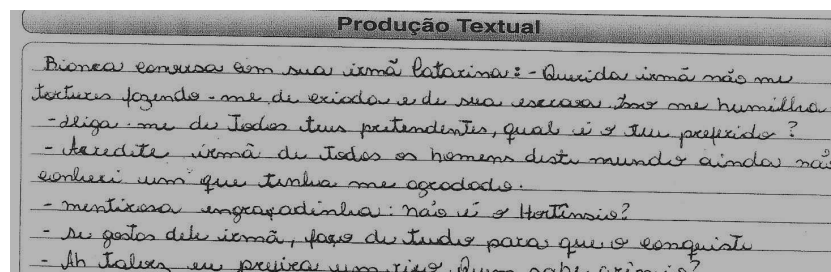


FIGURA 1: texto A.

Ao compararmos o trecho da produção de texto A com o texto-base, dado na orientação para a produção textual, observamos que, já no início, o pedido de Bianca é reproduzido

por completo, sem qualquer alteração, contrariando, além de uma ordem dada, um dos princípios básicos da reformulação do discurso direto em indireto: a transformação gramatical de verbos e pronomes.

Percebemos que somente houve substituição dos nomes das personagens, exposição que caracteriza o gênero peça teatral, por travessões, sinais de pontuação próprios do discurso direto. Verificamos assim mais um equívoco na produção, pois o autor foi instruído a escrever uma narrativa em discurso indireto, portanto, o travessão não poderia fazer parte da sua retextualização, ou seja, do texto resultante do trabalho de transformação do DD em DI. Observemos o trecho original:

*Pádua: aposento em casa de Batista. (Entram Catarina e Bianca.)*

**BIANCA:** Querida irmã, não me tortures fazendo-me de criada e de escrava. Isso me humilha. Quanto aos enfeites, porém, solta minhas mãos que eu mesma os tirarei, sim, minhas roupas todas, até a anágua. Isto, e tudo mais que ordenares, pois sei bem meus deveres para com os mais velhos.

**CATARINA:** Pois ordeno que me digas; de todos os teus pretendentes, qual é o teu preferido? E não me venhas com fingimentos.

**BIANCA:** Acredita-me, irmã, de todos os homens deste mundo ainda não conheci um, cujo rosto eu preferisse ao rosto de outro homem.

Outro fator importante a ser observado na comparação desses trechos é a não utilização de verbos *dicendi*, que são aqueles verbos responsáveis por indicar que está sendo introduzida a fala de uma personagem. Visto que a reformulação em discurso indireto é o cerne da questão, **A** deveria tê-los

introduzido, uma vez que esses verbos, numa narrativa indireta, assumem, como afirma Bakhtin (2006), a função mais analítica do discurso, porque buscam expressar as emoções e afetividades do discurso direto. Na verdade, o que se vê no trecho da produção **A** é uma simples reprodução, em discurso direto, das falas das personagens, com algumas supressões e adaptações. Em comparação ao primeiro trecho do texto já citado, aparecem outros problemas de formação discursiva que prejudicaram o processo de produção. Vejamos a reformulação inicial feita em **B**:

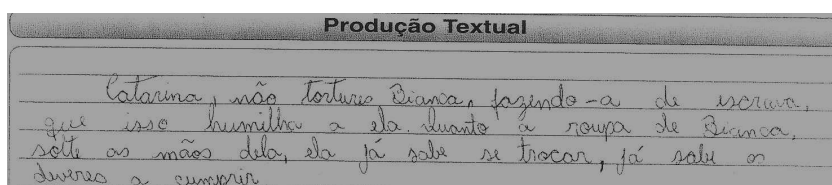


FIGURA 2: texto B.

Nesse trecho **B**, o autor assume a primeira pessoa do discurso, apontando Catarina como a segunda pessoa. Torna-se um narrador-conselheiro, em vez de apresentar a história da discussão das duas irmãs. Distorções graves no campo da compreensão textual ocorrem na produção **C**, como percebemos ainda no primeiro trecho da narrativa:

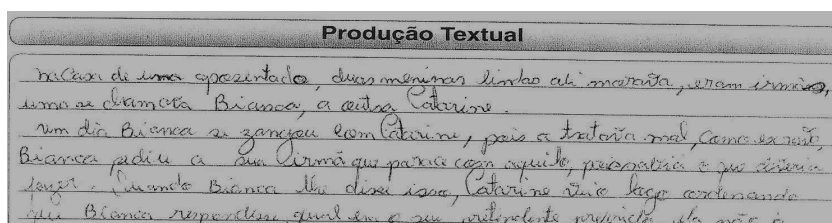


FIGURA 3: texto C.

Enquanto no texto-base da proposta de produção textual o autor apresenta rubricas de localização, indicando que a cena se passava em um aposento da casa de Batista, o autor de **C** entende o substantivo “aposento” como o adjetivo “aposentado”, dessa forma, caracteriza Batista de uma maneira que não condiz com a do texto-base. Outra inadequação em relação ao texto-base se dá pela afirmação de que Bianca havia se zangado com Catarina. Na verdade, no texto-base esse fato não ocorre e isso demonstra que o autor não compreendeu o texto. De acordo com o texto-base, Bianca parece implorar e se coloca subalterna à irmã:

**BIANCA:** Querida irmã, não me tortures fazendo-me de criada e de escrava. Isso me humilha. Quanto aos enfeites, porém, solta minhas mãos que eu mesma os tirarei, sim, minhas roupas todas, até a anágua. Isto, e tudo mais que ordenares, pois sei bem meus deveres para com os mais velhos.

Em **D**, observamos outro exemplo de reformulação inadequada de discurso direto para indireto. Fica claramente explicitado o não entendimento do caráter analítico do DI, na retextualização da peça teatral, uma vez que o candidato apresenta uma reescrita sem modificação na forma do discurso citado.

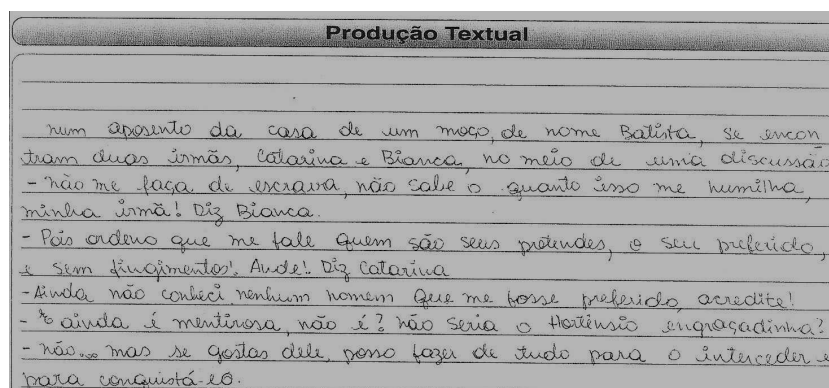


FIGURA 4: texto D.

Em **D**, encontramos dois graves problemas no que se refere à produção de texto: a não compreensão da proposta e o desconhecimento dos aspectos tanto gramaticais quanto discursivos que a norteiam. Ao substituir simplesmente os nomes das personagens pelos travessões, o candidato deixa claro que ignora o caráter mais analítico e menos emocional e afetivo do DI (BAKHTIN, 2006), porque não transforma as operações de citação em reformulações (AUTHIER-REVUZ *apud* BORGES-GUTIERRE, 2005).

Constatamos que o autor de **D**, assim como o de **A**, ignora o aspecto narrativo do DI em detrimento do aspecto mais reprodutor de situações comunicativas, o mais próximo do real possível, do DD. Outro detalhe interessante encontrado em uma das produções de texto do corpus analisado foi a necessidade de situar a história no tempo. A produção de texto **E** apresenta uma localização temporal para a narrativa, nos moldes dos contos clássicos. Vejamos:

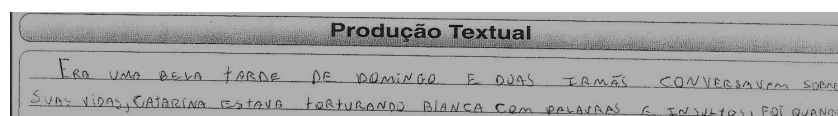


FIGURA 5: texto E.

Não ocorre citação no texto-base sobre a colocação temporal da narrativa, portanto, uma bela tarde de domingo é criação do candidato que reproduz a ideia segundo a qual as narrativas devem ser situadas no tempo e no espaço. Além disso, as irmãs não pareciam conversar sobre suas vidas, o que sugeriria amizade entre elas. Pelo contrário, Bianca e Catarina não se entendiam, o que fica claro pelo trecho inicial, em que aquela implora que a irmã não a escravize.

Essa tentativa de adequação às narrativas infanto-juvenis ocorre também em **F**. O produtor do texto caracteriza,

ingenuamente, Batista como um homem socialmente situado em uma camada baixa da sociedade de Pádua. Entretanto, em tradução de Paulo Mendes Campos: *Batista era o homem mais rico da cidade de Pádua, na Itália* (Shakespeare, 1970). Observemos o trecho do texto F:

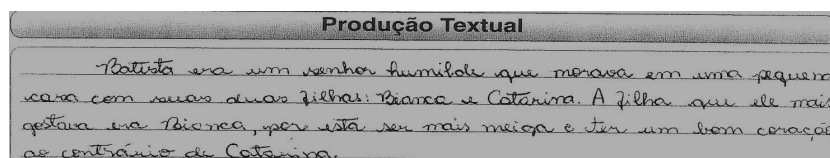


FIGURA 6: texto F.

No conto shakespeariano, texto-base dessa atividade de retextualização, fica bastante clara a preferência de Batista por Bianca, por sua docilidade, mas sua vida humilde é um equívoco, talvez realizado pela tentativa de se adequar à série sugerida no enunciado da proposta. Ocorreu também, em uma das produções escolhidas, uma reinvenção da história sugerida no texto-base. A narrativa G se organizou conforme a narrativa do trecho da peça *A Megera Domada*, entretanto, foram modificados os nomes das personagens, sua localização geográfica, entre outros fatores. Vejamos:

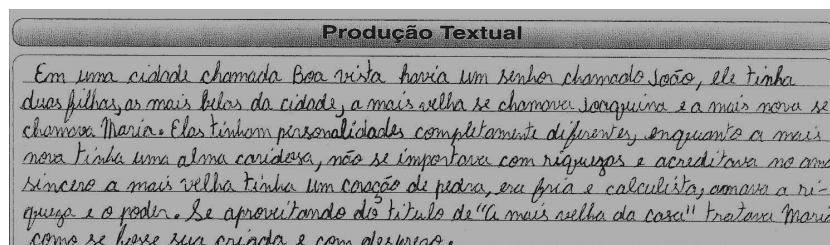


FIGURA 7: texto G.

A representação do discurso do outro, na reformulação do DD em DI, apresenta problemas tanto de compreensão textual

quanto de entendimento do jogo discursivo que acontece ao retextualizarmos um em outro. No entanto, vale apresentar pelo menos um exemplo, dentre as produções componentes do corpus de análise deste trabalho, cuja retextualização ocorreu, observando-se os pressupostos bakhtinianos que diferenciam o DD e o DI, apresentando este último como mais analítico, bem como as características de ambos, assinaladas por Authier-Revuz (apud BORGES-GUTIERRE, 2005), em que o DD apresenta operações de citação enquanto o DI é uma reformulação do DD.

Vale apresentar a produção de texto **H**, para que sejam notadas as reformulações realizadas, as contextualizações e as análises dos fatos da narrativa observados pelo produtor desse texto. Já no primeiro parágrafo, o candidato busca uma informação contida quase no final da peça, quando Batista afirma ter uma filha chamada Catarina: **BATISTA: Tenho uma filha chamada Catarina.** Ao fazer essa antecipação, o candidato contextualiza a história, caracterizando suas personagens, bem aos moldes das narrativas infanto-juvenis.

No segundo parágrafo, ele expõe o problema da narrativa quando cita as diferenças existentes entre as duas irmãs. Ao utilizar o modalizador “infelizmente”, esse produtor obedece ao caráter mais analítico do DI, segundo Bakhtin (2006), buscando expor a afetividade e emotividade recorrentemente presentes no DD:

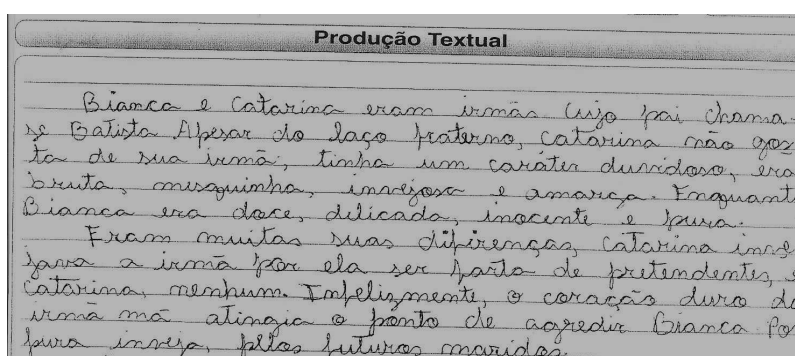


FIGURA 8: texto H.

A retextualização realizada por H obedeceu às caracterizações do discurso relatado postuladas por Bakhtin (2006) e Authier-Revuz (*apud* BORGES-GUTIERRE, 2005), considerando o caráter mais analítico do DI em contrapartida às operações de citação apresentadas pelo DD.

#### 4 Considerações Finais

A reformulação do DD em DI requer conhecimentos outros que não somente os gramaticais. Bakhtin (2006), ao postular a respeito do discurso relatado, enfatiza os aspectos discursivos de cada uma de suas representações, em especial, no caso deste trabalho, os discursos direto e indireto. Fica claro o posicionamento do autor ao considerar o caráter mais analítico do DI, por ser um discurso relatado entremeado pelas observações de quem o relata sobre as realidades emergentes na produção discursiva. Segundo ele, *o discurso indireto ouve de forma diferente o discurso de outrem.* (BAKHTIN, 2006, p. 165). Isso indica que para retextualizar DD em DI, primeiro, é necessário que o autor do novo texto compreenda o texto-base. Bakhtin faz entender, no que tange ao DD, que sua expressividade pouco ou nada pode ser enfatizada na reformulação em DI, como ensinado por ele:

É óbvio que a mesma impossibilidade e uma transposição mecânica do discurso direto para o indireto também se aplica à forma original de qualquer construção ou características de acentuação que o falante usou para expressar suas intenções. Assim, as peculiaridades de construção e de entoação dos enunciados interrogativos, exclamativos ou imperativos não se conservam no discurso indireto, aparecendo apenas no conteúdo (BAKHTIN, 2006, p. 165).

Diante dessas observações, retomamos Authier-Revuz (*apud* BORGES GUTIERRE, 2005) para reafirmar a ideia de

que o DD representa uma operação de citação, enquanto o DI é a sua reformulação. Nesses termos, consideramos que a transformação de DD em DI, num processo de retextualização, por ser a transformação de um evento comunicativo em outro, não é tarefa simples, muito menos fácil. Exige do produtor do texto uma gama de conhecimentos tanto gramaticais quanto relativos às formações discursivas, em que se deve considerar o contexto, bem como os interlocutores e a expressividade do texto que se pretende transformar. Essa reformulação também se deve à compreensão do texto-base, uma vez que não entendidos os construtos que compõem a estrutura do texto-base, o relato em DI ficará prejudicado, como ocorreu em alguns dos exemplos analisados, mais especificamente em C.

Diante do exposto, fica clara a necessidade de se trabalhar a produção textual numa perspectiva mais discursiva do que gramatical, uma vez que, considerando somente a análise gramatical da reformulação do discurso relatado, ficam à espera as impressões do produtor do texto, a forma como ele vê o discurso do outro, que permeia, em qualquer fase da vida, as formações discursivas do ser humano, por ser social, histórico e contextualizado. A leitura e a produção de texto são atividades influenciadas por diferentes aspectos, como os linguísticos, cognitivos e sociais. Nas análises das produções, constatamos que, em alguns casos, os autores não compreenderam o texto-base, tiveram dificuldades em relação aos aspectos linguísticos, bem como em relação à retextualização do DD para o DI.

Ressaltamos, assim, que as aulas de língua portuguesa devem ser pautadas nas atividades de leitura e produção, e o texto deve ser considerado como um evento sociocomunicativo, em que interagem autor-texto-leitor para a produção dos sentidos socialmente situados e históricos. Percebemos a necessidade de se trabalhar em sala de aula com atividades de leitura, compreensão e produção textual, sem

deixar de lado a relação leitor-escritor via texto, inseridos em um discurso. Enquanto isso não se tornar uma realidade nas aulas de Língua Portuguesa, os alunos continuarão com as dificuldades significativas em relação à produção textual.

### **Referências Bibliográficas**

- AUTHIER-REVUZ, J. Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. **DRALAV - Revue de Linguistique**, Paris, v. 26, p. 91-151, 1982.
- BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud. São Paulo: Hucitec, 2006. p. 161-180.
- \_\_\_\_\_. **A Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BORGES GUTIERRE, M. M. Heterogeneidade em narrativas escolares: sentidos que se constroem nas diferenças e nos desvios. **Alfa**, São Paulo, v. 49, n. 1, p. 7-29, 2005. Disponível em: <[http://www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v49/v49-1/cap1\\_sep.pdf](http://www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v49/v49-1/cap1_sep.pdf)>. Acesso em: 8 maio 2009.
- CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Português: linguagens - 8ª série**, Língua Portuguesa. 4. ed. São Paulo: Atual, 2006.
- CLARK, H. **Using language**. Chicago: The University of Chicago, 1996.
- GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas: Alínea, 2001.
- KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.
- MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Trad. Freda Indursky. São Paulo: Pontes / Unicamp, 1997.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.
- MEDEIROS, V. **Dizer a si através do outro: do heterogêneo no identitário nacional**. Tese de doutoramento. UFF, 2003.
- KOCK, I. V.; ELIAS, V. M. E. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SHAKESPEARE, W. **A megera domada**. Trad. Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 2005. p. 45-48.

### Anexo

#### **PASES 1ª ETAPA – TRIÊNIO 2008-2010 2º DIA - PRODUÇÃO TEXTUAL**

**Leia o seguinte trecho da peça A megera domada de William Shakespeare, em tradução de Millôr Fernandes.**

#### ATO II

#### Cena I

*Pádua: aposento em casa de Batista. (Entram Catarina e Bianca.)* **BIANCA:** Querida irmã, não me tortures fazendo-me de criada e de escrava. Isso me humilha. Quanto aos enfeites, porém, solta minhas mãos que eu mesma os tirarei, sim, minhas roupas todas, até a anágua. Isto, e tudo mais que ordenares, pois sei bem meus deveres para com os mais velhos.

**CATARINA:** Pois ordeno que me digas; de todos os teus pretendentes, qual é o teu preferido? E não me venhas com fingimentos.

**BIANCA:** Acredita-me, irmã, de todos os homens deste mundo ainda não conheci um, cujo rosto eu preferisse ao rosto de outro homem.

**CATARINA:** Mentirosa engraçadinha: não é Hortênsio?

**BIANCA:** Se gostas dele, irmã, eu juro interceder e fazer tudo para que o conquistes.

**CATARINA:** Ah, talvez então prefiras um rico. Quem sabe Grêmio, que te conservará em ouro?

**BIANCA:** É ele que te causa inveja? Ah, não, percebo que tu zombas: e tens zombado de mim o tempo todo. Por favor, irmã Cata, solta minhas mãos.

**CATARINA:** Se isto é zombaria, tudo o mais também. (*Bate nela. Entra Batista.*)

**BATISTA:** Hei, que é isso, que insolência é essa? De onde vem essa fúria? Afasta-te, Bianca — pobrezinha! Está chorando. Vai buscar tua agulha e sai de perto dela. Não te envergonhas, espírito maligno, de maltratar essa que nunca te ofendeu e jamais cruzou contigo uma só palavra descortês?

**CATARINA:** Porém me insulta com o seu silêncio. E vou vingar-me. (*Corre atrás dela.*)

**BATISTA:** (*Segurando-a.*) Como? Na minha frente! Entra Bianca! (*Sai Bianca.*)

**CATARINA:** Está claro; percebo que não me suporta. Agora sei: ela é o seu tesouro e deve ter logo um marido. No dia em que ela casar, devo dançar descalça e, porque o senhor a idolatra tanto, eu ficarei para esposa do demônio. Não me fale mais. Vou me fechar, chorando, até chegar a hora da vingança. (*Sai.*)

**BATISTA:** Houve jamais um homem tão amargurado? Mas, quem vem lá? (*Entram Grêmio, com Lucêncio vestido como um homem comum; Petróquio, com Hortênsio, como um músico; e Trânio, com Biondello trazendo um alaúde e livros.*)

**GRÊMIO:** Bom dia, vizinho Batista.

**BATISTA:** Bom dia, vizinho Grêmio. Deus os guarde a todos, cavalheiros.

**PETRÚQUIO:** E ao senhor, meu senhor. Desculpe, mas não tem uma filha bela e virtuosa chamada Catarina?

**BATISTA:** Tenho uma filha chamada Catarina.

**GRÊMIO:** Você está muito rápido: vá por etapas.

**PETRÚQUIO:** Está me atrapalhando Signior Grêmio; com licença. Sou um cavalheiro de Verona, senhor; ouvindo falar da beleza e da inteligência de sua filha, afabilidade e doçura de maneiras, suas qualidades maravilhosas de modéstia e recato, apressei-me em vir a esta casa, hóspede ousado, para que meus olhos fossem testemunhas do que ouvi tantas vezes. E como penhor para que me receba, apresento-lhe um dos meus servidores (*apresenta Hortênsio*), versado em música e matemática, que instruirá sua filha nessas ciências, das quais sei que ela pouco ignora. Aceite-o, que senão me ofendo. Seu nome é Lício, natural de Mântua.

**BATISTA:** Seja bem-vindo, amigo, e ele em seu nome. Mas quanto a minha filha Catarina — sei o que digo, não é para o seu gosto, por mais que eu sinta. [...] (SHAKESPEARE, William. **A megera domada**. Trad. Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 2005, p. 45-48.) Transforme o fragmento acima em um texto do tipo narrativo, em discurso indireto, para alunos de 6ª série, utilizando entre 20 e 25 linhas. NÃO produza uma cópia do texto. Se necessário, faça modificações na linguagem para se adequar ao seu interlocutor.

---

**Data de recebimento: 03/11/2009**

**Data de aprovação: 10/03/2010**